



ENVIADDESCER O QUEER:

EXPLORANDO A DECOLONIALIDADE DA TEORIA À LUZ DE LINN DA QUEBRADA

AUTOR: HIGOR KLEIZER DE OLIVEIRA MOREIRA
ORIENTADORA: DRA. FABIANA JORDÃO MARTINEZ
INHCS - UFG/RC

INTRODUÇÃO

Aflorada ao final da década de 1980 e início de 1990, a teoria queer emerge no Norte Global, inspirada pelos Estudos Culturais norte-americanos e pelo Pós-estruturalismo francês, revelando novas possibilidades de (re)pensar os estudos sobre sexualidades e gênero. Como todas as teorias produzidas ao norte, a teoria queer, com suas novidades e deslumbramentos, viaja ao redor do globo e chega ao Brasil tal como outros lugares do Sul e não-Occidente. O presente trabalho, se aproximando das reflexões para decolonialidade do queer no Brasil, tem como objetivo tecer notas exploratórias sobre como tem se pensado e como se devia pensar a teoria no país a partir da cantora transativista Linn da Quebrada.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica de textos inspirados pela disciplina de Antropologia V ministrada na UFG - Regional Catalão. Das ideias apreendidas da bibliografia, foram tecidas as considerações acerca da artista Linn da Quebrada a partir da análise de algumas de suas músicas.

TEORIA QUEER VS. TEORIA CUIr

Quando surgem na América do Norte, as teorias queer possuem como intento tecer crítica aos estudos sobre as dissidências sexuais produzidos na época que as analisavam partindo da heterossexualidade e cisgeneridade enquanto sinônimo da ordem e normalidade social. Quando estas teorias se des-territorializam e viajam globo a fora, sua chegada no Brasil é marcada por alguns equívocos.

Enquanto na América do Norte o queer emerge dos movimentos sociais e posteriormente é teorizado a partir das existências concretas, em terras tupiniquins a dinâmica é inversa: a teoria é inicialmente incorporada pela Academia – que passa a aplicá-la como universal – e apenas depois é absorvida, em partes, pelos movimentos sociais que mais a recusam do que a cooptam.

Para Pereira (2012), abaixo da linha do equador é necessário pensar nos afetos e afecções que movimentem essas teorias – universalizantes e alheias às histórias locais – para que o processo de “tradução” seja orientado pelas experiências-outras a serem analisadas. De forma complementar, Pelúcio (2014) indica a necessidade de se pensar o queer no Brasil a partir de um exercício antropofágico que leva em conta as técnicas de subjetivação do (e no) contexto nos quais os corpos estão inseridos, igualmente os marcadores de diferença que marcam a história e cultura do grupo específico. Sua proposta é de pensar uma “teoria cu”, produzida no cu do mundo.

LINN DA QUEBRADA

Linn Santos, mais conhecida como MC Linn da Quebrada, é uma “bixa, preta, trans, favelada, da quebra” em suas palavras, e nasceu no interior de São Paulo no ano de 1990. Sua carreira se inicia enquanto performer, mas passa a ser mais bem conhecida quando se lança como cantora em 2016 com a música *Enviadescer*. Por meio de suas músicas, Linn constrói narrativas sobre as vivências das dissidências sexuais e de gênero que contempla as existências das margens, da vulnerabilidade e dos “perigosos”. Em suas letras, a presença recorrente de palavrões e perjoratividades, longe de querer consumir um “funk proibidão”, denuncia a violência diária dos corpos LGBTQ+s a partir de características muito específicas encontradas no Brasil.

A partir das análises das músicas “*Enviadescer*”, “*A Lenda*” e “*Mulher*” é possível perceber a potência de Linn da Quebrada em fornecer novas perspectivas para se pensar o queer no Brasil, ou como dizem Junior e Silva (2018) “REpensar os corpos transviados que habitam o sul do Equador”, com base em ferramentas conceituais e teóricas criadas a partir das resistências das realidades locais (PEREIRA, 2012) que apresentam a mesma força de enfrentamento e subversão que o significado de queer fornece às formulações americanas.

CONCLUSÕES

Pensar uma teoria cu – para fazer uso de uma proposta brasileira de tradução – no Brasil seria justamente o que Linn da Quebrada faz em todo seu trabalho: ressignificar, dar vida e voz às suas (r)existências e de muitos outros corpos que subvertem a norma e batalham diariamente pelo direito de “viver e brilhar e arrasar”. Linn constrói todo seu enfrentamento a partir de seu corpo e suas experiências: a proposta central da decolonialidade queer. Nas palavras da artista: “tenho atuado com meu corpo. Meu corpo como minha ferramenta de criação sobre mim mesma e sobre minha própria existência”

REFERÊNCIAS

PELÚCIO, Larissa. *Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?* Revista Periódicus, v. 1, n. 1, 2014.

PEREIRA, Pedro Paulo. *Queer nos trópicos*. Revista Contemporânea. São Carlos, v. 2, n. 2, jul. – dez. 2012.

JUNIOR, D. R. C.; SILVA, J. P. L. *Corpos transviados ao sul do equador: o que Linn da Quebrada tem a nos (des)ensinar?* Revista COCAR. Belem, v. 12, n. 23, jan. – jun. 2018.